



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

JULIANA LUÍZA SOBRINHO MONTEIRO COELHO

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA PERSONAGEM ANGELA CLANDON,
EM “O LEGADO”, DE VIRGINIA WOOLF

João Pessoa

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C672r Coelho, Juliana Luiza Sobrinho Monteiro.

A representação feminina na personagem Angela Clandon,
em "O legado", de Virginia Woolf / Juliana Luiza
Sobrinho Monteiro Coelho. - João Pessoa, 2020.
32 f.

Orientação: Renata Gonçalves Gomes.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Virginia Woolf. Representação feminina. O legado. I.
Gomes, Renata Gonçalves. II. Título.

UFPB/CCHLA

JULIANA LUÍZA SOBRINHO MONTEIRO COELHO

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA PERSONAGEM ANGELA CLANDON,
EM “O LEGADO”, DE VIRGINIA WOOLF

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura
em Letras - Língua Inglesa, da
Universidade
Federal da Paraíba como requisito
para obtenção
do grau de Licenciada em Letras -
Língua Inglesa.

Orientadora **Prof. Dra. Renata
Gonçalves Gomes**

João Pessoa
2020

Professora Suplente (UFPB)

AGRADECIMENTOS

À **Universidade Federal da Paraíba** por oferecer gratuitamente uma capacitação tão preciosa quanto o curso de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Inglesa e a todos os professores que marcaram minha longa trajetória com tanto profissionalismo e dedicação. Em especial à estimada professora doutora Renata Gonçalves Gomes, minha orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso, que me fortaleceu tantas vezes, me ajudando a não desistir quando isto era tudo o que queria fazer. Obrigada por ter feito tanto por mim.

Aos **meus pais e irmãos** que sempre acreditaram mais na minha inteligência do que eu mesma!

Às **minhas melhores amigas** que são presentes e estão presentes mesmo em meio à correria da vida: **Monique, Natália, Rebeca e Thaís**. Inspiro-me em vocês e por isso continuo.

Ao **meu marido Elias Tavares**, pela parceria desde o primeiro dia e até agora. Te amo!

À **minha filha Marina**, que escreveu comigo o TCC sacrificando tempo e atenção para que ele fosse finalizado.

Às **minhas tias e primas** que se revezaram com muita dedicação à Marina sempre que foi necessário: **tia Ana, tia Cláudia, Alana, Amanda e Carol**. Que Deus as recompense!

A **Deus**, pelo dom da vida e por tudo que me deu de presente, mesmo sem eu merecer. Que meu coração nunca se esqueça de todas as dádivas recebidas, e pela realização deste sonho de concluir a graduação.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar no conto “O legado” (1958), da escritora inglesa Virginia Woolf, a representação feminina através da personagem principal, Angela Clandon, no âmbito do seu casamento com Gilbert Clandon. Sendo assim, uma breve revisão da fortuna crítica a respeito de Virginia Woolf e seus escritos foi elaborada a partir de textos de Oliveira (2017) e Prather (2005). Para trabalhar o conceito de condição feminina, tomaremos como base os estudos de Moreira (2003). Para falar sobre autoria feminina, contaremos com as escritoras Gloria Anzaldúa (1981), Alice Walker (1972) e Virginia Woolf (2014). Para tanto, será feita uma breve análise da personagem principal do conto, considerando seu relacionamento com os demais personagens da trama: seu esposo Gilbert Clandon, sua funcionária e amiga Sissy Miller e o irmão desta, identificado apenas pelas iniciais B.M. Por fim, a partir da análise desse conto é possível concluir que a condição a que Angela Clandon estava submetida no casamento, de silenciamento em casa, a levou à escrita de diários, pois era a partir da escrita que ela conseguia se expressar e ser ela mesma.

Palavras-chave: Virginia Woolf. Representação feminina. O legado.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze in the short story "The legacy" (1958), by the English writer Virginia Woolf, the female representation through the main character, Angela Clandon, in the context of her marriage to Gilbert Clandon. Thus, a brief review of the critical fortune regarding Virginia Woolf and his writings was prepared based on texts by Oliveira (2017) and Prather (2005). To develop the concept of female condition, we take as a base the studies of Moreira (2003). In order to discuss female authorship, we will present texts by the writers Gloria Anzaldúa (1981), Alice Walker (1972) and Virginia Woolf (2014). Therefore, a brief analysis of this main female character will be made considering her relationship with the other characters in the plot: her husband Gilbert Clandon, her employee and friend Sissy Miller and Miller's brother, identified only by the initials B.M. Finally, from the analysis of this short story, it is possible to conclude Angela was subjected to her marriage, which silenced her and led her to write diaries, and that was the only place where she had her voice truly expressed.

Keywords: Virginia Woolf. Female representation. The legacy.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	9
1.1	Breve revisão da crítica.....	12
2	Condição e autoria femininas	16
3	A escrita de diários como subversão ao silêncio	23
4	Conclusão.....	30
	Referências	32

1 Introdução

A autora inglesa Virginia Woolf alcançou leitores e leitoras ao redor do mundo, conquistando a todos com sua escrita singular. Alguns destes trabalhos são considerados leituras imprescindíveis até os dias de hoje e são amplamente estudados e recomendados em cursos de Letras. Os livros *Mrs. Dalloway* (1925), *O Farol* (1927), *Orlando* (1928) e *Um teto todo seu* (1929) são alguns dos trabalhos mais aclamados da autora, tendo um número vasto de estudos acadêmicos e crítica literária sobre eles. Além disso, Virginia Woolf também escreveu diversos contos com a mesma maestria com a qual se dedicou aos romances, mas esta porção de seu trabalho tem sido menos visada como objeto de estudo pela crítica em comparação com suas narrativas longas.

E foram seus contos que proporcionaram a mim o primeiro contato com a autora. Desde a primeira leitura de “O legado”, em 2009, a impressão que tive foi a de que estava completamente presa e surpresa pelo conto. Depois de lê-lo do início ao fim sem interrupções, tal qual Edgar Allan Poe sugere em sua teoria sobre o gênero literário conto, pude apresentar minha análise em forma de seminário na disciplina Literatura Inglesa I, do curso Letras Inglês, da Universidade Federal da Paraíba, ministrada à época pela professora Dr.^a Ana Adelaide Peixoto Tavares. Na oportunidade, encontrei na biblioteca da escola onde estagiara, um livro sobre a vida e a obra de Virginia Woolf, o que me fez ficar ainda mais envolvida com o que acabara de ler. Começava ali um caminho de admiração por Woolf e pela literatura em geral.

Virginia Woolf, escritora nascida em South Kensington, Londres, no Reino Unido, foi uma renomada ensaísta, escritora e editora britânica de destaque no Modernismo. Cresceu tendo acesso à vasta biblioteca de seu pai, Leslie Stephen, o que alimentou sua sede por conhecimento. Seu pai deu-lhe acesso ao mundo literário desde cedo, tendo Woolf recebido educação de qualidade, quando muitas meninas e mulheres da época não tinham a mesma chance. Quando adulta, junto de seu marido Leonard Woolf e da sua irmã Vanessa Bell, foi membro do *Bloomsbury*, grupo influente de intelectuais ingleses que questionava, entre outras coisas, a literatura tradicional de seus dias. Sua produção literária inclui romances, contos e artigos para revistas de

grande circulação, como a *Harper's Bazaar*, onde foi publicado pela primeira vez "O legado", em 1940.

Woolf também atuava como palestrante, tendo feito falas em universidades na Inglaterra. *Profissões para mulheres* é resultado de uma destas palestras, que foi publicada postumamente em 1942 e amplamente divulgada. Em seu outro ensaio, *Um teto todo seu* (1929), Woolf reflete sobre a possibilidade de mulheres tornarem-se escritoras, mesmo tendo lugar de pouco destaque na sociedade. Ademais, neste canônico ensaio feminista, Woolf disserta sobre o que as mulheres precisam para poder escrever profissionalmente sobre algo que seja interessante a quem lê. Woolf viveu uma trajetória conturbada e instável emocionalmente, cercada por desastres familiares que exerceram profundo impacto em seus relacionamentos e que certamente influenciaram sua produção literária. A autora deixou um bilhete ao marido antes de suicidar-se, aos 59 anos, entrando num rio com um casaco cheio de pedras.

No intuito de contribuir com o estudo dos contos de Virginia Woolf, o presente trabalho tem como objetivo analisar a representação feminina no conto "O legado" (1940), de Virginia Woolf, através da personagem principal, Angela Clandon. Angela é casada com um político chamado Gilbert Clandon que, pela primeira vez, lê seus diários, após a morte trágica de sua amada esposa. Por isso, a análise aqui proposta irá apontar questões sobre a relação conjugal de Angela e Gilbert a partir dos papéis sociais característicos de um casamento numa sociedade patriarcal, como a retratada no conto, ambientada provavelmente na Inglaterra no início do século XX. Sendo assim, a análise apresentada neste trabalho, busca refletir sobre os desdobramentos da vida particular de Angela na parte final da narrativa, quando as razões de seu fim trágico são reveladas.

O conto tem início seis semanas após a morte de Angela Clandon, vítima de um atropelamento. O viúvo Gilbert Clandon se encontra em meio aos presentes, detalhadamente organizados, que ela havia deixado para seus amigos. Gilbert fica admirado ao perceber que Angela havia deixado tudo em ordem, como se previsse sua morte. Para ele, no entanto, ela apenas deixara de presente os quinze volumes dos diários que escrevera desde o início do casamento, aos quais Gilbert não tinha tido permissão para ler até então.

Depois de entregar o presente destinado a Sissy Miller, funcionária e confidente de sua esposa, que se dispôs a ajudá-lo no que fosse preciso após a morte de Angela, Gilbert começa a leitura dos diários. À medida em que o recém viúvo lê os diários, um a um, Gilbert percebe que as menções ao seu nome, que inicialmente aconteciam com frequência em meio a declarações de admiração, vão se tornando cada vez mais escassas, até que duas iniciais aparecem e o intrigam: B. M. A curiosidade de Gilbert é despertada a ponto de fazê-lo buscar avidamente por mais explicações sobre quem seria esse personagem da vida de sua esposa que ele não conhecera. Ao ler os diários, Gilbert percebe inquietações e até interesses que ele jamais soubera que sua esposa tinha, incluindo discussões no sindicato sobre a classe trabalhadora. Gilbert continua procurando nos diários a fim de descobrir o nome por trás das iniciais e o envolvimento deste com sua esposa. A crescente repetição das iniciais B.M. e o desaparecimento do seu próprio nome incomoda Gilbert.

Abrindo o último diário em busca de resposta, Gilbert se depara com frases incompletas e palavras cuidadosamente rabiscadas, seguidas de páginas em branco. No dia que antecede a morte de sua esposa ele lê: “Teria a coragem de fazer o que ele fez?” (WOOLF, 1958, p. 290). Gilbert, então, liga para Sissy Miller e pergunta sobre a identidade de B.M. Sissy então responde que este era seu irmão que acabara de se suicidar. A resposta de Sissy encerra a dúvida de que Angela tinha um relacionamento com B.M. e de que havia cometido suicídio igual ao seu amado. Por fim, é possível compreender que os diários de Angela eram seu legado para seu marido Gilbert Clandon.

Considerando o contexto histórico e social em que o conto se situa, início do século XX na Europa, sendo Angela uma mulher de classe média alta— a hipótese levantada é a de que o rigor com que os papéis de gênero eram definidos na relação marital, conservados e perpetuados pelo patriarcado, pode ter levado Angela à escrita dos diários, os quais eram mantidos em sigilo absoluto. Estes seriam um lugar de refúgio onde seus pensamentos e ações poderiam ser exteriorizados sem julgamentos, onde ela poderia revelar-se como uma mulher de mais ambições e de pensamentos que seu marido jamais tivera a oportunidade ou o interesse em conhecer. Tal desinteresse, pode ser entendido como possivelmente causado pela vida ocupada e falocêntrica que Gilbert vivia.

Dessa forma, esta monografia apresentará inicialmente uma breve revisão da crítica, um subcapítulo onde discorreremos sobre o que duas relevantes autoras sobre o estudo de Virginia Woolf no Brasil propõem sobre os contos de Virginia Woolf e, mais especificamente, sobre o conto “O legado”. Em seguida, trataremos brevemente os sobre condição e autoria femininas a partir do texto da professora e pesquisadora Nadilza Martins de Barros Moreira, onde faremos uma revisão da literatura sobre a questão da escrita feminina a partir da crítica feminista interseccional, que parte da própria Virginia Woolf, como é o caso de contribuições das escritoras Gloria Anzaldúa e Alice Walker. Após isso, trataremos sobre a escrita de diários como subversão ao silêncio, onde analisaremos o conto a fim de refletir sobre a representação de Angela na narrativa. Por último, apresentaremos a conclusão do trabalho.

Por fim, é importante ressaltar a relevância de se estudar a obra de Virginia Woolf, principalmente no que concerne suas narrativas curtas que são de igual relevância literária aos seus romances e ensaios. Woolf é considerada uma das primeiras autoras feministas do século XX de reconhecimento internacional e suas reflexões acerca da mulher e seu lugar na sociedade reverberam até a atualidade. Em “O legado” não seria diferente. No conto, Woolf retrata uma mulher branca burguesa que, de acordo com as expectativas acerca da mulher e do seu papel na sociedade, não podia transgredir com as imposições de sua época para seguir seus desejos. A leitura de “O legado” leva à reflexão sobre o lugar da mulher, sobre a voz da mulher e a importância de se expressar, mesmo que seja por meio da escrita de diários.

1.1 Breve revisão da crítica

Conforme anteriormente mencionado, Virginia Woolf tem romances e ensaios amplamente canonizados e analisados pela crítica literária. Porém, seus contos parecem pertencer à uma outra parte da obra da autora. Neste capítulo, discutiremos as ideias principais de dois estudos relevantes no cenário nacional sobre a escrita de Woolf. Em “*The Denial of mimesis in the mimetic construction: The legacy*” (2005), a autora Maria Aparecida Prather aproxima e compara aspectos da vida pessoal de Woolf e da personagem principal do conto, Angela Clandon, demonstrando em que excertos do texto

literário a arte parece copiar a vida. Já no capítulo 1 do livro *A representação feminina na Obra de Virginia Woolf - Um Diálogo Entre o Projeto Político e o Estético* (2017), a professora Dr.^a Maria Aparecida de Oliveira, disserta sobre o ensaio *Um teto todo seu* dando ênfase na importância que Woolf atribuía à escrita feminina.

Ainda sobre o artigo de Prather (2005), a especialista em língua inglesa e literatura anglo-americana propõe examinar o conto “O legado” sob a perspectiva de *mimesis*, um dos conceitos literários mais antigos que conectam arte à vida (PRATHER, 2005). A autora assegura que tanto no papel de crítica literária quanto no de escritora, Woolf deixa um rico legado de afirmações que parecem ter sido projetadas na representação mimética do conto “O legado”. O texto descreve os momentos principais do conto em questão, ao mesmo tempo em que aponta similaridades entre Angela Clandon e Virginia Woolf a partir da vida e morte de ambas. Além disso, a autora dedica grande parte do texto para situar quem lê o artigo sobre o conto estudado com um detalhado resumo da obra e lança mão de diversos dados biográficos a fim de tecer comparações entre a vida da personagem Angela e a de Woolf.

Através da leitura deste artigo, percebe-se que a condição feminina retratada na personagem Angela Clandon, em muito se assemelha à condição a que Virginia Woolf vivera. Prather ressalta que Woolf pôde trabalhar e ter acesso aos estudos enquanto muitas mulheres da sociedade de sua época jamais tiveram a mesma oportunidade, pois eram mantidas submissas aos homens. Assim como Angela Clandon precisava submeter-se ao marido em diversos aspectos, seja para consultar a vontade dele, tomar decisões sobre as questões financeiras da casa ou pedir permissão para sair ou se envolver em atividades fora de casa, muitas mulheres no início do século XX viviam a mesma realidade. Ambas, autora e personagem, enfrentaram circunstâncias similares em uma sociedade patriarcal, ou seja, dominada por homens: enquanto Angela precisava pedir permissão a Gilbert para trabalhar, Woolf por vezes foi impedida de escrever por seu marido, Leonard Woolf, sob a escusa de que ela pudesse sofrer uma sobrecarga mental. Apesar de entendermos que uma análise meramente biográfica pode ser perigosa para a crítica literária, e aqui não temos essa intenção, há de se reconhecer aspectos autobiográficos na obra de Woolf.

A escrita de Woolf trazia consigo muito além de um aspecto mimético notável e plausível: era uma declaração segura e audível que denunciava as insatisfações sobre a condição feminina. O discurso político em “O legado” é consonante com a obra de Woolf em geral. Prather parafraseia o ponto de vista do professor e pesquisador Terry Eagleton quando ele diz que a literatura está envolvida com as situações de vida de homens e mulheres e conectada com crenças políticas, ideologias e valores de uma época. Ela afirma que o discurso de Woolf em “O legado”, foi tratado de tal maneira que a autora foi capaz de provocar rejeição das ideologias convencionais. Mais um dado biográfico curioso é que, assim como Angela Clandon mantinha diários que só foram lidos pelo marido após sua morte, Woolf também escrevia em diários, e vários deles foram publicados postumamente por seu marido, Leonard Woolf.

Em *A representação feminina na Obra de Virginia Woolf - Um Diálogo Entre o Projeto Político e o Estético* (2017), Maria Aparecida de Oliveira investiga os papéis femininos na produção literária de Virgínia Woolf, analisando suas principais produções e tecendo comparações entre trabalhos relevantes da autora. Na primeira parte, intitulada “O olhar de Virgínia Woolf sobre a tradição literária feminina”, a autora levanta argumentos sobre as mais diversas obras da autora, entre contos, romances e ensaios. Um dos principais argumentos de Oliveira (2017) sobre a relação de Woolf com a tradição literária feminina é o de que a autora inglesa se posiciona politicamente a favor das mulheres e de melhores condições de escrita para estas.

Oliveira (2017) afirma que o ensaio *Três Guinéus* (1938) é considerado a continuação de *Um teto todo seu* (1929), tendo sido igualmente hostilizado em seu lançamento, tanto pela crítica quanto pelo próprio grupo de *Bloomsbury*. As críticas, no entanto, não impediram este de ser um dos textos fundadores e mais apreciados da crítica feminina (OLIVEIRA, 2017). A autora analisa *Um teto todo seu*, observando como a crítica feminista tem reconstruído e (re)significado o texto de Virginia Woolf sobre as condições a que toda mulher deveria ter acesso para poder escrever ficção. A crítica de Woolf é mais severa no que diz respeito a falta de oportunidade para as mulheres estudarem academicamente, pois a elas era negada a entrada na universidade à época. Ainda no ensaio, Woolf cria uma personagem para comparar as oportunidades que homens e mulheres teriam dentro do mundo

literário. Ela disserta sobre uma possível irmã para William Shakespeare chamada de Judith Shakespeare. Oliveira (2017) retoma a narradora de *Um teto todo seu*, quando esta garante que qualquer mulher do século XVI com dom literário certamente ficaria louca, se mataria ou teria vivido seus últimos dias solitária, abandonada em um lugar ermo. Woolf diz que qualquer mulher que ousasse escrever poesia seria tão reprimida pela sociedade opressora que teria comprometido sua saúde mental (WOOLF, 1929).

Nos trabalhos previamente mencionados, podemos perceber de que forma a escrita feminina é pensada por Woolf, ou seja, como uma questão também política, visando a igualdade de gênero. Enquanto no primeiro texto, Prather se dedica a encontrar possíveis reflexos, imitações entre a personagem principal do conto e a autora, Oliveira analisa de que forma o discurso político de Woolf, presente em seus ensaios *Um teto todo seu* e *Três Guinéus* (1938), permeia seu discurso estético, principalmente nos romances *Ao farol* (1927) e *Mrs. Dalloway* (1925). Além de perceber como a crítica feminista de tem lidado com os ensaios políticos de Woolf tais como Susan Gubar e Sandra Gilbert, Toril Moi e Bette London”.

2 Condição e autoria femininas

Esse capítulo tem como objetivo principal desenvolver dois conceitos-chaves para a análise do conto “O legado”. Inicialmente trataremos sobre “condição feminina”, onde observaremos a condição da mulher na sociedade patriarcal inglesa no início do século XX, quando e onde o conto “O legado” foi ambientado. Faremos um breve histórico sobre a condição da mulher branca de classe média na virada do século XX na Inglaterra, onde poderemos refletir sobre a realidade da personagem principal a posteriori no capítulo de análise do conto. Em seguida, discorreremos sobre o conceito de autoria feminina, visto por três ângulos diferentes: da autora do conto Virginia Woolf, que viveu e escreveu no começo do século XX, na Europa, uma mulher branca de classe média; da escritora afro-estadunidense Alice Walker, que publicou trabalhos relevantes desde a década de 1970; e da autora chicana Gloria Anzaldúa, que desenvolveu ensaios ao longo de sua carreira sobre as mulheres latinas e/ou de origem latina nos Estados Unidos. Com isso, buscamos criar um diálogo entre tais conceitos, a fim de apontar no conto “O legado” a condição feminina no início do século XX e o silenciamento feminino advindo da opressão do patriarcado, como sendo um forte fator que pode ter levado Angela a escrever em seus diários tudo o que não podia falar em casa ou até mesmo fora dela.

Pensar em autoria feminina no início do século XX, é lembrar dos inúmeros desafios enfrentados por mulheres que desejavam aventurar-se no universo das letras. O preconceito acerca da inteligência feminina, a visão solidificada da mulher como parte mais fraca e a limitação social a elas imposta —mulheres vistas como seres menos inteligentes e sem qualquer interesse ou aptidão para a política, literatura, artes em geral— são apenas alguns dos desafios que podemos mencionar. A visão patriarcal da sociedade impunha desde sempre um lugar de reclusão às mulheres, e as consideravam inferiores aos homens, aprisionando-as aos papéis exclusivos de esposa e mãe. Os papéis de grande destaque na sociedade eram assim, ocupados por homens. Política, ciência, economia e literatura e todo o mercado de trabalho eram territórios predominantemente masculinos.

A pesquisadora Nadilza Martins de Barros Moreira, em seu livro *A condição Feminina Revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin* (2003),

no capítulo inicial chamado “Escrita, crítica, gênero: uma trajetória feminina, feminista”, desenvolve um breve histórico sobre a escrita feminina e o feminismo, alegando que o século XVIII era caracterizado como o ano que confinou a mulher no mundo interior da família. A autora afirma que foi nesse período de delimitação do espaço masculino e feminino, que também se formulou o discurso sobre a “natureza feminina”. Tal concepção definia a mulher como maternal e dedicada, como uma força do bem ou “o anjo do lar”. A mulher também poderia ser rotulada como força do mal, caso saísse da sua esfera de vida privada para usurpar atividades que, culturalmente, não lhes tivessem sido atribuídas. É quando ela se torna “um monstro malvado, uma bruxa, a devoradora, a decaída.” (MOREIRA, 2003, p. 30). Sendo assim, Moreira afirma que:

O século XVIII produz [...] um discurso social que separa os espaços – o masculino e o feminino – e faz a divisão dos sexos no trabalho e na educação. Aos homens a sociedade reservava o espaço público e tudo aquilo o que é dessa esfera; enquanto isso as mulheres estavam determinadas à esfera do privado e, conseqüentemente, a tudo o que concernia e concerne ao doméstico, à casa, ao lar. O ideal acadêmico destinava-se aos meninos, enquanto as prendas domésticas cabiam às meninas. (MOREIRA, 2003, p. 30)

Em seguida, no século XIX ainda há resquícios dessa separação entre público e privado. O casal de protagonistas do conto a ser estudado, incorpora cabalmente essas definições, mesmo situados no século XX. Gilbert sendo político em ascensão, toma conta da esfera pública enquanto Angela, sem direito de escolha, se resume a ficar em casa e acompanhá-lo apenas quando solicitada.

Ao longo dos séculos, as mulheres vêm lutando por reconhecimento e por terem suas vozes ouvidas mesmo que em meio a sociedades patriarcais. Essa luta envolve a quebra dos estereótipos e da submissão ao homem, dois fatores que as demovem de um lugar ao sol na sociedade e as excluem. A manutenção tanto dos estereótipos femininos quanto do sistema patriarcal reverbera a negação de um patamar de igualdade onde as mulheres podem falar livremente. O silenciamento e a desigualdade fazem com que as mulheres olhem a escrita como um tipo de salvação, para que dessa maneira suas vozes sejam ouvidas. O silenciamento da mulher é representado na personagem

Angela Clandon, em “O legado”, a partir da não-ação da fala e da ação da escrita dos diários, como símbolo de segredo, silêncio.

Por isso, apresentaremos neste capítulo reflexões sobre a escrita feminina a partir de uma perspectiva interseccional, com ensaios de três relevantes autoras que viveram em épocas, lugares, condições financeiras e familiares diversas e que versam sobre mulheres que, como Angela, foram de alguma maneira silenciadas. Da autora inglesa Virginia Woolf, comentaremos o ensaio *Um teto todo seu* (1929); da escritora estadunidense Alice Walker utilizaremos o ensaio *Em busca dos jardins de nossas mães* (1972); e da escritora chicana Gloria Anzaldúa, usaremos *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo* (1982).

Quando escreve em *Um teto todo seu* (1929) que uma mulher “(...) precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (WOOLF, 1929, p. 12), Woolf descreve a realidade em que vive. De certa forma, a autora negligencia outras opressões vividas por mulheres de outras raças, classes, sexualidades. Isto porque nem todas as mulheres escritoras possuem acesso a um quarto para que possam dedicar-se sem interrupções às leituras e escritas, limitando, dessa forma, o pensamento sobre a prática da escrita ficcional somente às mulheres brancas e de famílias ricas.

Ainda sobre a questão da mulher e sua liberdade —ou ausência dela— a professora e pesquisadora Maria Aparecida de Oliveira diz: A liberdade da mulher dependia de sua situação material, o que implicava uma certa limitação, que conseqüentemente, afetaria seu poder de comunicação e criatividade. (OLIVEIRA, 2017, p. 38).

Com isso, é possível compreender que mulheres de classes sociais inferiores teriam ainda maiores desafios se quisessem ser escritoras. Não lhes bastaria apenas ter aptidão ou talento para a arte da escrita, se não houvesse o mínimo de condição financeira para desenvolvê-la. Woolf, ainda em *Um teto todo seu*, critica e ironiza o fato de que as mulheres só tinham acesso às bibliotecas e universidades caso estivessem acompanhadas de um aluno, portanto homem, ou caso carregassem uma carta de apresentação da universidade.

Mesmo antes de ser considerada uma das primeiras autoras feministas do século XX, as palavras escritas em *Um teto todo seu* (1929) serviram a um

dos propósitos da primeira onda feminista: a luta para que as mulheres tivessem acesso à educação. As palestras que Woolf proferiu e os textos que escreveu, a tornaram conhecida com um dos pilares do feminismo, tendo seus escritos e falas servido como referencial teórico para o movimento. O discurso de Woolf, no entanto, é incapaz de envolver todas as mulheres escritoras e a realidade distinta que cada uma enfrenta. É o que afirma a autora afro-estadunidense Alice Walker, vencedora do prêmio Pulitzer pelo romance *A cor púrpura*, em 1985. A autora, que é reconhecida por suas produções desde a década de 1970 até os dias de hoje, denuncia em suas obras as dificuldades de ser uma mulher negra em um país historicamente racista. No ensaio “Em busca dos jardins de nossas mães” (1972), Walker aponta lacunas que o texto de Woolf não pôde preencher, por deixar de fora as mulheres escritoras negras estadunidenses, que à época de Woolf eram praticamente recém-libertas da escravização. Como anteriormente mencionado, Woolf era de família de classe média alta, branca, e viveu e escreveu na Inglaterra, no início do século XX. Walker explica que quando Woolf —ao refletir sobre uma mulher que quer escrever ficção— diz que esta precisa de um quarto para si e dinheiro para se sustentar, a autora não reflete sobre realidades demasiadamente distintas da dela, como a de Phillis Wheatley. Walker defende que Wheatley, apesar de seu brilhantismo e talento para a escrita, tendo sido escravizada nos anos de 1700, jamais seria dona de um lugar para si, visto que não era dona nem mesmo de sua própria vida (WALKER, 1972, p.3). Walker afirma ainda que se Wheatley fosse uma mulher branca, “seria facilmente considerada intelectualmente superior a todas as mulheres e à maioria dos homens da sociedade de seu tempo” (WALKER, 1972, p.3). Acontece que Wheatley foi comprada como escravizada quanto tinha apenas 7 ou 8 anos de idade e desde então foi mantida nessa condição. Segundo a descrição irônica de Walker, Wheatley foi:

(...) capturada aos 7 anos de idade por uma família de brancos ricos e amorosos, que nela incutiram a “selvageria” da África da qual eles a resgataram, eu me pergunto se ela sequer lembrava de sua terra natal como a conheceu, como realmente era. (WALKER, 1972, p.3)

Uma mulher mantida sobre tal regime escravagista jamais teria acesso a um lugar todo seu com condições favoráveis ao desenvolvimento de qualquer

dom artístico que possuísse. Walker descreve a triste história da vida breve de Wheatley, que morreu em liberdade, mas sem amigos, dinheiro e sem ter tido a oportunidade de escrever poesia com o mínimo de conforto, e assim explorar inteiramente o seu talento.

Similarmente ao que Walker disserta em seu ensaio, a escritora chicana Gloria Anzaldúa, em seu ensaio chamado “*Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*” (1981), aponta as dificuldades encontradas por mulheres de origem de terceiro mundo nos Estados Unidos. Anzaldúa denuncia o preconceito que as mulheres latinas nos Estados Unidos sofrem por suas origens e pelas dificuldades que a falta de proficiência na língua inglesa também pode gerar (ANZALDÚA, 1981). A escritora também tece uma crítica a *Um teto todo seu* (1929), quando conclui que uma mulher não precisa de um quarto só para si. A autora incentiva as mulheres trabalhadoras, mães, e do terceiro mundo a escreverem sempre que a oportunidade aparecer, onde quer que estejam. Anzaldúa dedica-se a apoiar as mulheres escritoras que são tidas como invisíveis no meio de uma sociedade racista e machista estadunidense.

Esqueça o quarto só para si – escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar. Eu escrevo sentada no vaso. Não se demore na máquina de escrever, exceto se você for saudável ou tiver um patrocinador – você pode mesmo nem possuir uma máquina de escrever. Enquanto lava o chão, ou as roupas, escute as palavras ecoando em seu corpo. Quando estiver deprimida, brava, machucada, quando for possuída por paixão e amor. Quando não tiver outra saída senão escrever. (ANZALDÚA, 1981, p. 233)

Observando esse excerto do texto de Anzaldúa, em comparação ao que Woolf propõe em *Um teto todo seu*, percebemos que a mulher ali retratada pela autora inglesa, não conseguiria contemplar todas as diferentes situações em que se encontram tantas outras mulheres escritoras pelo mundo. As condições sociais divergem em muito e as necessidades tidas como básicas para escrever, tornam-se discrepantes.

É necessário ressaltar que no período em que *Um teto todo seu* foi escrito, fim da década de 1920, o feminismo ainda estava se desenvolvendo enquanto movimento social e político. O fato de Woolf começar a escrever em

defesa das mulheres escritoras, dá início a uma relevante trajetória pela luta por igualdade de direitos também na literatura, que se torna mais abrangente com o passar dos anos. As críticas levantadas contra a afirmação clássica de Woolf são fundamentais para os feminismos enquanto movimento e para o enriquecimento dele ao longo dos anos, pois gerou em Walker e Anzaldúa profunda reflexão sobre o feminismo que estas conheciam em suas realidades.

Embora percebamos que para as três autoras as vivências da escrita feminina e as condições ideais para que uma mulher escreva sejam discutíveis e adaptáveis a cada situação e época, os textos das autoras têm em comum o tom de incentivo às mulheres especificamente a partir das origens e condições financeiras em que as autoras identificam como parte de seus lugares de fala, para aquelas mulheres que escrevem ou almejam escrever. As três autoras acreditam na força da escrita feminina e conhecem, a partir de suas próprias vivências, a necessidade de escrever. No trecho a seguir, Anzaldúa lista algumas das razões pelas quais ela é levada a escrever:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque eu não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. (...) Escrevo para registrar o que os outros apagam quando eu falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. (ANZALDÚA, 1981, p. 232)

Anzaldúa na década de 1980 desabafa sobre seus motivos para continuar escrevendo, sobre usar a escrita para manter sua voz ativa, viva, mesmo que esta seja silenciada pelos outros quando ela fala. São inúmeras as dificuldades enfrentadas por mulheres escritoras, e tem sido assim há muito tempo. O próprio preconceito ao escolher livros ou textos, ensaios, escritos por mulheres fez grandes autoras femininas esconderem suas produções debaixo de codinomes masculinos ou sem gênero definido, a fim de que os textos não tivessem uma rejeição sexista em um primeiro momento.

Não foram poucas as mentes femininas brilhantes que precisaram usar pseudônimos a fim de que seus trabalhos literários não sofressem preconceitos antes mesmo da primeira leitura. Ainda no século XIX, as irmãs Charlotte,

Emily e Anne Brontë, provaram que era possível que mulheres escritoras pudessem produzir boas obras literárias que seriam reconhecidas e apreciadas, ainda que para isso tivessem que usar nomes masculinos (elas respondiam por Currer Bell, Ellis Bell e Acton Bell, respectivamente). Charlotte Brontë, a irmã mais velha, escreveu *Jane Eyre*, assinando a obra com seu pseudônimo. O livro foi publicado em 1847 e é até hoje considerado um dos maiores romances ingleses. Emily Brontë, a irmã do meio, escreveu *O Morro dos Ventos uivantes* (1847), seu único romance —que hoje é considerado um clássico da literatura inglesa, apesar de ter recebido duras críticas no século XIX. A mais nova das três irmãs, Anne Brontë escreveu *A senhora de Wildfell Hall* (1848) que foi considerado um dos primeiros romances feministas da literatura. As irmãs Brontë, como são conhecidas, morreram ainda muito jovens deixando poucas, mas valiosas contribuições para o acervo de autoras femininas.

3 A escrita de diários como subversão ao silêncio

O objetivo deste capítulo é analisar o conto “O legado”, de Virginia Woolf, a partir dos conceitos mais importantes mencionados anteriormente neste trabalho a fim de compreender a representação feminina da virada do século XX através da personagem principal Angela Clandon. Para isso, iniciaremos com uma breve retomada sobre a escrita de Woolf enquanto uma autora moderna e a estrutura de “O legado” a partir das definições de conto moderno desenvolvidas por Ricardo Piglia. Em seguida, será apresentada a análise da condição feminina da personagem Angela a partir do contexto sócio-político enfrentado pela personagem principal. Por fim, faremos a análise dos diários a fim de investigar de que forma o texto epistolar escrito pela personagem expressa aquilo que fora silenciado em sua vivência como uma mulher branca, de classe média e casada na Inglaterra da era moderna.

A condição feminina de submissão e domesticidade limitou a vida de muitas mulheres ao redor do mundo. A principal pauta do feminismo é a igualdade de direitos e essa luta teve início também há séculos e isso inclui mulheres circulando e atuando livremente em qualquer espaço da sociedade: mercado de trabalho, ciência, política e arte. Na literatura, Virginia Woolf exerceu bem o papel de contestadora desses padrões sexistas estabelecidos e fez isso por meio de palestras em universidades e em romances, contos, onde suas personagens femininas não estavam satisfeitas com o lugar onde se encontravam. É o caso de Angela Clandon em “O legado”.

Woolf é considerada uma das principais autoras do chamado modernismo inglês e sua obra é reconhecida universalmente, sendo o fluxo de consciência uma das características da estética moderna mais marcantes em seus textos. Através desse recurso, é possível acessar o pensamento dos personagens. Além disso, é muito importante ressaltar que Woolf também é conhecida por ter em suas narrativas mulheres modernas, que em algum momento subvertem o papel recatado de domesticidade e submissão que seria imposto a elas pela sociedade machista.

O conto “O legado” é considerado um conto moderno e isso é refletido na estrutura do conto se analisarmos através da teoria do conto moderno estabelecida por Ricardo Piglia. Em sua primeira tese sobre o conto, o escritor

argentino Ricardo Piglia, no livro *Formas breves* (1999), a partir do capítulo intitulado “Teses sobre o conto”, enumera características do conto clássico e do conto moderno. Ele afirma em sua primeira tese que o conto sempre conta duas histórias, narrando uma em primeiro plano, e a segunda em segredo, provocando um efeito surpresa quando há a revelação da segunda história. (PIGLIA, 1999, p.89-90). Quando sobre o conto moderno, Piglia diz que este conta duas histórias como se fossem uma só (PIGLIA, 1999, p. 91). Ao observamos o conto em análise, percebemos que à medida em que contamos a história sobre a morte de uma esposa amada, e ao passo em que os diários são lidos, podemos perceber que a protagonista tinha outra vida desconhecida pelo seu marido. A subjetividade de Angela ultrapassava seu papel de esposa, dona de casa que o acompanhara e devotava sua vida a ele. A ‘segunda história’ aquela revelada após a leitura dos diários, apresenta uma personagem cheia de ideias, desejos e transgressões ao que se esperava de uma mulher casada na virada do século XX.

Ainda sobre a teoria do conto a partir de Piglia, no capítulo intitulado “Novas teses sobre o conto”, o autor afirma que:

(...) o relato avança segundo um plano férreo e incompreensível e perto do final surge no horizonte a visão de uma realidade desconhecida: o final faz ver um sentido secreto que estava cifrado e como que ausente na sucessão clara dos fatos (PIGLIA, 2004, p.103).

No caso da narrativa de “O legado”, o final do conto mostra o sentido secreto contido nos escritos de Angela, ou seja, a verdade revelada sobre o relacionamento dela com B.M. Isso explica também sua morte trágica, que foi planejada por ela como resposta à morte do amante. Podemos dizer que a voz da protagonista contida nos diários é a que revela a verdadeira história secreta do conto. É contraditório notar que apenas após sua morte, Angela consegue ter sua “voz” ouvida. Apenas pela leitura dos diários, Gilbert consegue entender que a esposa tinha mais controle sobre sua vida, uma vida secreta, do que ele jamais imaginara.

É dessa forma que Gilbert, e quem lê o conto, descobre a verdade acerca da insatisfação de Angela quanto ao casamento, entendendo que ela teve um relacionamento amoroso com B.M. A revelação dessa segunda

história, do sentido secreto, explica muitas das questões que Gilbert tinha levantando e que estavam sem respostas até então. A primeira história conta sobre o trágico acidente na rua que causou a morte de uma dona de casa e esposa. A segunda história, revela uma mulher adúltera que decide suicidar-se para enfim estar livre do marido e de volta, mesmo que simbolicamente, com o seu amante B.M.

Analisando a personagem Angela, pode-se perceber que ela é uma mulher vivendo os dilemas da virada do século XX, que chega trazendo uma proposta de transformação no papel feminino. Embora ainda não esteja completamente livre da mulher vitoriana dos séculos anteriores, em muitos aspectos Angela age como uma mulher moderna. Um desses indícios de que Angela pode ser considerada uma representação da mulher moderna é o fato de que ela, apesar de ser dona de casa e esposa, não possui filhos. Em seus diários, Angela não demonstra que a maternidade seria parte de seus planos, a não ser que o fizesse para agradar o marido. A maternidade era, no início do século XX, e ainda é tida como um dos principais papéis da mulher.

“Como eu desejava”, leu mais adiante, “que Gilbert tivesse um filho”. Era realmente estranho que ele nunca tivesse dado muito por semelhante falta. A vida tinha sido, para ele, tão cheia, tão rica!... (WOOLF, 1958, p.287).

É possível perceber que Angela queria que Gilbert tivesse um filho, visto que ela não explicita em nenhum momento o desejo de ser mãe. O excerto também pode revelar que ela não se importaria caso Gilbert tivesse um filho a partir de uma relação paralela.

Os traços de modernidade na vida de Angela também se reafirmam pelo fato de ela ter decidido realizar trabalho voluntário para não se sentir inútil ou ociosa (WOOLF, p.288). Angela, portanto, sai de casa para trabalhar, ou seja, deixa o ambiente doméstico e vai para um ambiente público, subvertendo o lugar de submissão ou subserviência. É no trabalho voluntário que Angela conhece outras pessoas, faz amizades e começa a conversar sobre política e classes sociais como vemos no excerto a seguir:

"Tive uma tremenda discussão com B.M. acerca do socialismo." (...)
"B.M. fez um ataque cerrado às classes superiores... Depois da

reunião voltei a pé com B.M. e procurei convencê-lo, mas é de tal modo limitado..." (WOOLF, 1958, p. 288).

Não era comum a uma mulher de sua época entrar em debates sobre assuntos que não dissessem respeito ao lar, no entanto, já havia um certo despertar feminino para o engajamento na luta pelos seus direitos no fim do século de XIX. Eram os primeiros sinais de organização do movimento feminista.

Outra característica de modernidade na vida da protagonista é que ela desenvolve uma aliança de sororidade com Sissy Miller, sua secretária que se tornara sua confidente e que guardou o segredo contido no diário até depois de sua morte. Já no início do conto encontramos provas dessa amizade. Gilbert lê o presente que a esposa deixara para a secretária e pensa que:

Teria sido bem melhor deixar-lhe uma quantia qualquer ou a máquina de escrever, por exemplo. Mas o fato é que Angela escrevera junto do broche: "para Sissy Miller, com muita amizade". (WOOLF, 1958, p. 285).

Mesmo sabendo de todo o envolvimento de Angela com B.M., que era seu irmão, Sissy não contou a Gilbert sobre a relação dos dois nem sobre a conexão entre as duas mortes recentes. Apenas quando recebe a ligação de Gilbert, Sissy confirma o que o seu ex-patrão já descobrira durante a leitura dos diários.

Não pôde suportar. Precisava saber a verdade. Precipitou-se para o telefone.

- Miss Miller! - Um silêncio. Depois ouviu que alguém se aproximava.

- Daqui fala Sissy Miller, - respondeu por fim a voz dela.

- Quem vem a ser, - bradou, - esse B.M?

Pôde ouvir um instante o relógio barato que ela devia ter sobre a chaminé, em seguida um longo suspiro e, finalmente, a voz dela murmurou:

- Meu irmão.

O irmão! O irmão que se suicidara.

- Deseja que lhe explique qualquer coisa mais? - ouviu a voz de Sissy Miller perguntar.

- Nada, nada. Nada! - exclamou ele. (WOOLF, 1958 p. 290)

Angela subverte também o seu papel no casamento com Gilbert ao ter um relacionamento amoroso extraconjugal com B.M., o que seria inaceitável dentro de um relacionamento monogâmico, como o casamento, especialmente durante o momento em que viviam, ainda sobre forte influência da religião

católica cristã. Por estar vivendo esse período de transição no início do século, e apesar de ter subvertido outros costumes de sua época, Angela ainda não via solução para o caso extraconjugal a não ser a morte, visto que o divórcio era algo impensável o que a levou à tal escolha radical. O mesmo desfecho trágico, a morte da esposa como fuga de um casamento infeliz, era retratado na literatura que antecedeu ao modernismo, a exemplo do conto *The story of an hour* (1894), de Kate Chopin, onde a protagonista sofre um ataque cardíaco e morre ao descobrir que o marido não estava de fato morto, como haviam reportado. A decepção de não estar finalmente livre do seu casamento infeliz, faz com que o coração frágil de Mrs. Mallard, protagonista do conto de Chopin, não resista.

O evento que causa a morte da personagem de Woolf nos remete ao modernismo, em contraste com o principal ambiente desse conto: o lar. Grande parte das interações lidas nos diários acontece na casa de Angela e Gilbert — diários estes que são lidos de dentro de casa. A morte de Angela, porém, ocorre na rua, quando ela pisa para fora de uma calçada e é atropelada por um carro, símbolo que representa modernidade do início do século XX. Ela se permite sair para viver para além dessa condição feminina imposta a ela.

Assim como na ficção do século XIX, a mulher é silenciada em casa — por isso Angela recorre aos diários— que é símbolo de reclusão, silenciamento, intimidade, medo e segredo. Angela não se sentia à vontade em compartilhar com o marido o que escrevia nos diários, como lemos no seguinte trecho:

Quando ele entrava e a encontrava escrevendo, invariavelmente ela o fechava, colocando-lhe uma das mãos em cima. "Não, não, não", parecia-lhe que ainda a estava a ouvir, " depois de eu morrer... talvez". (WOOLF, 1958, p. 284).

Gilbert estava com frequência ausente de casa, trabalhando em reuniões ou em viagens, em busca da ascensão na carreira política, o que deixava Angela sozinha em casa. Nos diários ela podia se expressar refletindo seu estado físico, mental e emocional. É nos diários que Angela tem poder de fala e controle da sua própria narrativa de vida.

Angela é representada no conto através de duas vozes: a do narrador e a voz dela a partir de seus escritos, lidos por Gilbert. Apesar deste

silenciamento, Angela mantém o controle da trama, e o desenrolar da história só se dá através da leitura de suas palavras, pelo conhecimento de suas verdades. Gilbert a considerava ingênua e infantil e relembra alguns dos momentos juntos enquanto lê os diários:

Estivemos a comer gelados no Florian". Sorriu; Angela era ainda uma criança nesse tempo; gostava tanto de gelados! "Gilbert contou-me coisas interessantíssimas da história de Veneza. Disse que os Doges..." e continuava escrevendo com sua caligrafia pueril. (WOOLF, 1958, p. 287).

Algumas semelhanças entre Virginia Woolf e Angela Clandon se apresentam e, embora não seja intenção fazer um estudo comparativo ou sugerir qualquer imitação que seja entre vida e obra da autora, é interessante notar suas semelhanças. As similitudes se apresentam, tendo que em vista que ambas eram mulheres brancas de classe média alta na Inglaterra. Além disso, Woolf também não tinha filhos e a sua morte também foi por suicídio. Como mulher escritora que viveu a virada no século XX, Woolf também mantinha diários que vieram à tona depois da sua morte. Em um dos excertos publicados, na entrada de 20 de março de 1926, ela escreve:

"E o que será de todos estes diários?, perguntei a mim mesma ontem. Se eu morrer, o que o Leo vai fazer deles? Ele não estaria inclinado a queimá-los; ele não os publicaria (WOOLF, 1958, p.176)".

Em ambos os casos, pode-se dizer que Angela e Woolf escreviam seus diários sem receios, e o mesmo silenciamento que levou Angela a escrever nos diários pode ter impelido Virginia Woolf a fazer o mesmo.

Woolf, enquanto autora moderna, cumpre seu papel em fazer refletir sobre o lugar da mulher na família e na sociedade. Podemos concluir que na personagem de Angela, Woolf representa bem a mulher branca de classe média, casada, na Inglaterra no início do século XX. A limitação da circulação dessa mulher, a imposição dos papéis de esposa e mãe e o silenciamento em casa e na rua são empecilhos subvertidos por Angela durante a narrativa. Esse comportamento subversivo de Angela reforça, portanto, a modernidade trazida na obra de Woolf tanto em sua estética quanto em teor político. Essa modernidade é impressa tanto na subjetividade da personagem principal

quanto na estrutura do conto, onde o desfecho da segunda história surpreende quem lê.

Por fim, pode-se dizer que Woolf usa de metalinguagem ao utilizar em seu conto fragmentos da narrativa epistolar de Angela. Gilbert é surpreendido pela leitura das últimas linhas do diário, assim como quem lê o conto é através das últimas linhas da narrativa, quando há a revelação do segredo de Angela. Os diários de Angela expressam tudo o que a personagem não pôde expressar, o que devolve à protagonista o controle sobre sua vida, em alguma medida.

4 Conclusão

Inicialmente, o presente trabalho se propôs a analisar a representação feminina tendo como foco a personagem Angela Clandon, no conto “O legado”, de Virginia Woolf. Fizemos uma breve revisão da crítica através dos textos das autoras Maria Aparecida Prather e Maria Aparecida de Oliveira. Prather (2005) analisou o conto “O legado” através do conceito de *mimesis* e conseguiu encontrar pontos da narrativa que coincidem com a vida da autora inglesa Virginia Woolf. Por outro lado, Oliveira (2017) faz uma análise de alguns trabalhos de Woolf, discorrendo inclusive sobre o ensaio *Um teto todo seu* (1929), onde a visão política de Woolf sobre a escrita feminina é ressaltada.

Em seguida, refletimos sobre condição e autoria femininas na virada do século XX com o auxílio do livro de Moreira (2003). Vimos um breve panorama da condição feminina a partir do século XVIII até a virada do século XX, onde discorremos sobre a exclusão da mulher dos lugares públicos, ficando a existência da mulher resumida à vida do lar e seu entorno.

No capítulo 2, nos propomos a refletir sobre a condição feminina no início do século XX e a abordar a questão da autoria feminina junto às reflexões de Virginia Woolf (1929) em comparação com as de outras duas autoras: Alice Walker (1972) e Gloria Anzaldúa (1981). Ambas nos fizeram pensar sobre outros feminismos, sobre os quais Woolf não disserta em seu ensaio *Um teto todo seu*. Walker e Anzaldúa retratam em seus respectivos ensaios, situações diferentes das conhecidas por Woolf. Os estudos de Walker e Anzaldúa complementam o que foi levantado por Woolf em *Um teto todo seu* acerca de escrita feminina. Com isso, fomos levados a refletir sobre as condições de opressão distintas que mulheres escritoras ao redor do mundo estão submetidas e as quais subvertem e/ou resistem a fim de escrever.

No capítulo destinado à análise, observamos no conto “O legado” a construção da personagem principal Angela Clandon que se deu a partir da leitura dos seus diários, feita pelo seu viúvo Gilbert. Percebemos a visão condescendente de Gilbert em relação à sua esposa e o vimos descobrir o quanto ainda não conhecia sobre ela. A voz de Angela, finalmente “ouvida” através dos diários o surpreendeu e o entregou o seu legado da verdade. Ela havia se envolvido com outro homem, enquanto ele estava fora buscando um

lugar de destaque na política. Com isso, concluímos que há relação direta entre a condição feminina de Angela (esposa devota ao marido, reclusa ao lar e à vivência doméstica, mas que busca subverter esse lugar enquanto mulher moderna do início do século XX) e a prática da escrita de diários, como se esta fosse uma fuga, um tipo de liberdade e de expressão que a personagem não encontrara em seu cotidiano.

O trabalho aqui proposto pode servir como um incentivo para que outras pesquisas sejam desenvolvidas baseadas nos contos da autora Virginia Woolf, valorizando essa porção preciosa de seu trabalho literário. Tendo em vista o conteúdo modernista e feminista dos textos da autora, as pesquisas sobre Woolf podem ser enriquecedoras para embasar estudos sobre o início da literatura feminista no século XX.

Durante a elaboração desse trabalho, fui apresentada a grandes escritoras que foram incentivadoras da escrita feminina. Enquanto pesquisadora, fui impactada pela profundidade dos textos que li e pela força com a qual escreveram e lutaram pela continuidade de seus trabalhos. A escritora Gloria Anzaldúa no ensaio aqui citado, serviu como incentivo durante a conclusão dessa pesquisa. Em um dos trechos do ensaio, ela diz que os problemas parecem ser insuperáveis, mas deixam de ser quando uma mulher decide que irá escrever, mesmo depois de um dia de trabalho fora de casa, depois de cuidar do marido e filhos. Uma mulher escritora deve decidir achar um tempo para escrever e fazê-lo, mesmo que não tenha estrutura, patrocínio ou um quarto só para si.

Como sugestões para pesquisas futuras aponta-se a possibilidade de analisar a personagem Sissy Miller como representante da mulher trabalhadora na virada do século XX. Investigar este papel feminino secundário e compará-lo à personagem principal Angela, apontando as diferenças possíveis entre os papéis desempenhados por elas na sociedade.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>> Acesso em: 17 de fevereiro de 2020
- MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.
- OLIVEIRA, Maria Aparecida de. **A representação feminina na Obra de Virginia Woolf - Um Diálogo Entre o Projeto Político e o Estético**. São Paulo: 1ª ed. Editora Paco Editorial, 2017
- PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PRATHER, Maria Aparecida. **The Denial of mimesis in the mimetic construction: "The legacy" by Virginia Woolf**. João Pessoa: Idéia, 2005.
- WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães**. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/5v0c1e>>. Acesso em: 20 de julho de 2020, 23:12.
- WOOLF, Virginia. **O legado**. IN: CAVALHEIRO, Edgard. **Maravilhas do Conto Feminino**. Trad. Marcelo Pôrto. São Paulo: Cultrix, 1958. Páginas 283 a 290.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. – 1 ed. São Paulo: Editora, Tordesilhas, 2014.